



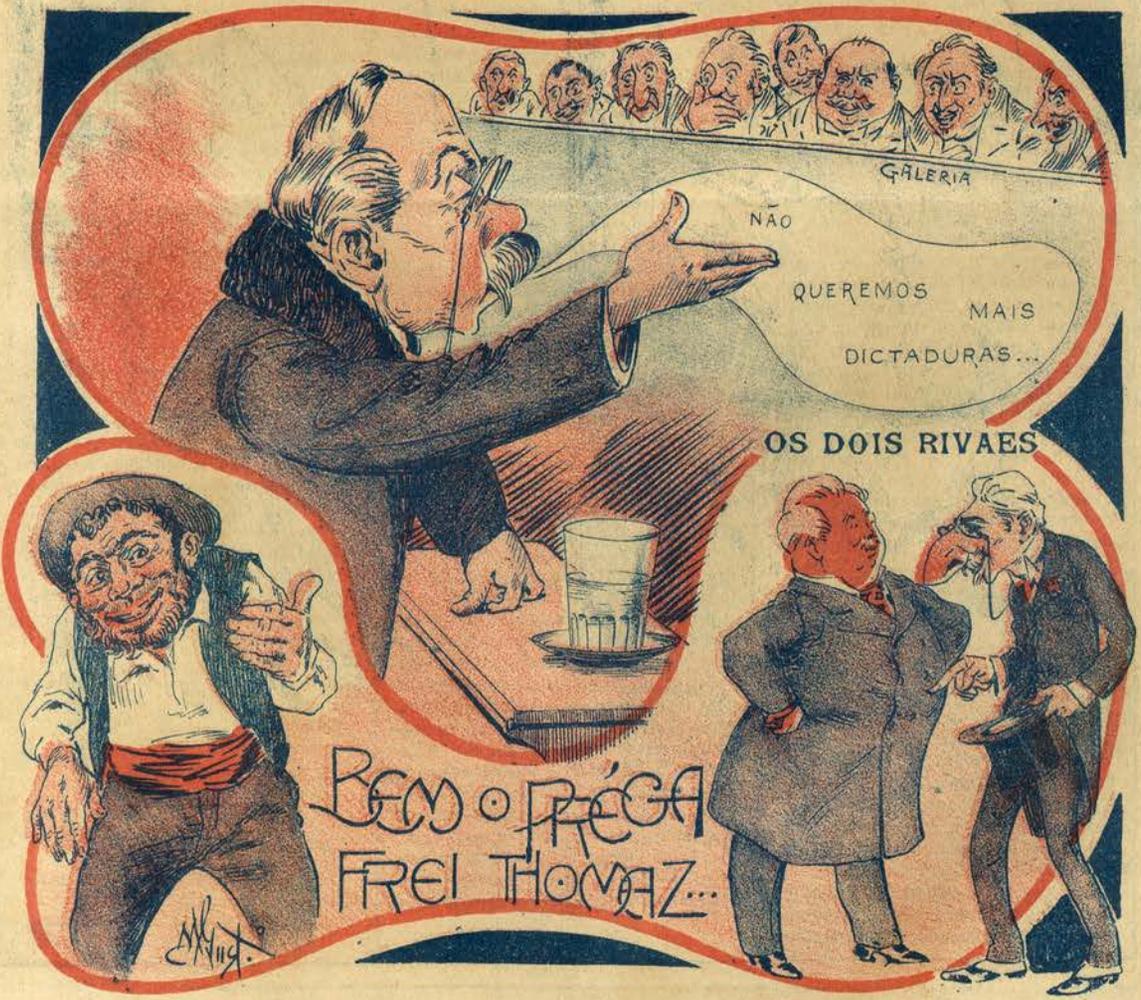
N.º 107 — LISBOA, 29 DE JANEIRO

3 ANO 192

A PARÓDIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa, provincias e Africa serie de 26 números 200 réis e 22 x 12000 x Cobrança pelo correio custa..... 300 x Estrangeiro, accresce o porte do correio.</p> <p>Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p>Publica-se ás quartas-feiras</p> <p>PROPRIETARIOS RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO e M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p> <p>Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p> <p>Composição : Minerva Peninsular, 111, Rua do Norte, 113</p> <p>Impressão — Lithographia Artistica, Rua do Almada, 33 e 34</p> <p>EDITOR — CÂNDIDO CRAVES</p>
--	---	--

**PARA INGLEZ VER...
 PARA GALERIA OUVIR...**



— U que eu te queria era a panga...
 — E eu queria-te o nariz...
 Ora achata o beque...



Ponto de honra e pontos naturaes

Quando um homem diz publicamente a outro: o senhor mente! esse outro tem tres caminhos a seguir: insultal-o, partir-lhe a cara ou desafiar-o para um duello. É a velha noção do ponto d'honra, que accumulada através gerações successivas e avivada sempre pela cultura individual, chega a revestir ás vezes a fórma simples d'uma reacção medullar perfeitamente automatica. Uma palavra, ás vezes um sorriso, muitas vezes um gesto, uma sombra subtilissima de provocação ferindo como uma agulha d'oiro, davam logo, por um verdadeiro automatismo, uma estocada, no século XVII, um abastonada, no século XVIII, e uma bofetada, no século XIX.

O ponto de honra é uma fórmula de fidalguia, tão indiscutível como as figurações illuminadas da heraldica, e tão natural como qualquer outro reflexo nervoso, — o espirro, o soluço ou a cócega. Ha pundonores que levam o escrupulo até á quixotada, como ha nervos que levam a cócega até ao paroxismo.

A caricatura do ponto de honra está na comédia de capa e espada; é hespanhola de origem, usa mantéu de róca, estoque de Toledo, e quando fala diz versos de Lope de Véga e Tirso de Molina. Depois, cheia de emphase, de gestos em curva, com cabelleiras á Saint-Simon e gravatas á Malibran, floriu no romantismo, deu duellos célebres por coisa nenhuma, encontros sangrentos por quasi nada, democratizou-se, por assim dizer, irradiando do pergaminho escrupuloso dos armoriaes para a humildade das consciencias burguezas.

Veio o parlamentarismo, e o ponto de honra afinou-se ainda, subtilisou-se, esticado pela convenção, como uma luva branca, creando verdadeiramente uma espécie de modalidade politica do pundonor, muito mais complexa e muito mais exigente do que o simples ponto de honra individual. Desde a eloquencia de redingote de briche, glabra e violenta, de Borges Carneiro, até ao atticismo do carrick amarello do Sotto-Maior e á «caixa d'oiro das execuções» d'onde irradiava demosthénicamente o rapé do divino Garrett, o parlamentarismo foi exaggerando, pouco a pouco, requintando e complicando os escrupulos

do ponto de honra, lavrañdo actas sollemnes por um sorriso, fazendo tinar espadas por uma palavra, na preocupação progressiva e doentia d'uma convenção a respeitar, d'uma dignidade a defender.

Estava n'essa meticulosidade intransigente o prestigio dos estadistas românticos. Eram sinceros e graves.

Hoje, não. Com a degenerescencia conjugada da raça e do regimen, o parlamentarismo e os parlamentares perderam a fidalguia um tanto hirta do seu pundonor collectivo e individual. A falta de eloquencia, de *panache*, de nobreza, da linha pura das grandes casacas verde-bronze, fez derivar os processos de discussão para o acordo tacito da transigencia em face da injuria, do ultraje que se não levanta, que não vale á pena levantar, que passa como um incidente vulgarissimo entre os incidentes de todos os dias. Os nossos politicos dizem comigo, como aquella personagem de Calderon, que salvo o interesse e a commodidade, — *su honor es lo de menos*. Gritam-lhes na cara: o senhor mentiu! e elles puxam resignadamente os canhões de velludo do casacão, com o craneosinho oblongo, em pão d'assucar, irradiando a consagração universitaria e fóssil dos capellos, oleosos na sua complacencia, tortuosos e insinuantes no processo de infiltração das confianças e dos espiritos, como se o ponto de honra se tornasse uma reliquia inutil de sacristia, como se tudo aquillo fósse muito natural, muito logico, muito aceitavel.

A abdicación de todo o pudor parlamentar tornou-se um acordo de commodidade. Como dizia o *Juan Rana*, — a honra é o menos. A caixa d'oiro de Garrett já não executa ninguém; as elegancias e as casacas do visconde de Sotto-Maior foram arrematadas pelo conde de Castro e Solla, e a cabelleira leonina e branca de José Estevam seria um pessimo chinó para o sr. Sergio de Castro.

Entretanto, a par d'esses processos commodos de abdicación e de moleza creados pela degenerescencia moral d'um regimen, ha reacções de força, bruscas e mal creadas, sem systematisação e sem sinceridade, especialmente do lado das minorias. Mas já não é o protésto fidalgo dos politicos do romantismo, que davam uma estocada com a mesma nobreza com que vestiam uma casaca, no respeito constante dos protocólls e da etiqueta, sonhando a Regeneração em pleno baile, entre decotes sangrentos de jóias, e passando tranquillamente dos seus Vaticanos de elegancias para a ingenuidade da sua tribuna romantica. Agora, pelo contrario. Os extremos politicos arremettem de mão

crispada e murro fechado, n'uma eloquencia muscular de varredores de feira, appopléticos e violentos, proclamando a superioridade da força bruta e o regimen da nódoa negra. A figura nervosa, sonhadora e quasi lirica de Passos Manoel, substitue-se o arcaboço architectural do senhor padre Brandão. O código de duello cedeu o logar ao tratado animal do sócco inglez. A tinta das actas sollemnes foi judiciosamente substituida pela arnica.

De modo que, na historia do actual momento parlamentar, as coisas compensam-se: se por um lado deminue a noção do ponto de honra, por outro augmenta a necessidade dos pontos naturaes.

THYRSO.

Na ponta da unha!

Pedimos licença ao eminente collega das *Novidades* para a transcripção de um pequeno periodo do seu primoroso artigo de quarta feira:

«Sómente ao chefe progressista, parlamentar experimentadissimo, cada vez mais perfeito, cada vez mais lucido, cada vez mais vibrante, responderá o chefe regenerador, acima de todas as outras qualidades, que possue, parlamentar eminente, orador excepcional, e os interesses immediatos do paiz, urgente e varios, terço de consolar-se com duas magnificas sessões da camara dos pares».

—Cá está geral ou *fótel*! Cá está geral ou quem vendel!



Informa um collega que o rei de Servia renunciou a certa viagem á Russia, porque sua mulher, a rainha Draga, o ia endoidecendo de ciúmes pela forma *coquette* por que se portou n'um baile da córte. Mas acrescenta que o rei Alexandre, cada vez mais tolinho pela sua querida Draga, lhe perdoou as escorregadelas de *coquettismo*.

Estas Dragas têm sorte! Entre nós, tambem, aquella draga que levou 3 annos e meio a chegar a Lourenço Marques, obteve perdão do Teixeira de Sousa, que costuma ser patrono apenas de embarcações de grande lotação.

Mas a este tambem lhe deu para ser Alexandre, sem ciúmes.

Cá e lá, mais Dragas ha.



QUINZENA PARLAMENTAR



Em S. Carlos e em S. Bento a musica de Wagner triumpha. A differença é que, no theatro, a musica orchestral acompanha o canto de sapateiros-poetas e na camara os apoiados acompanham discursos de poetas que são grandes sapateiros. Em S. Carlos apparece Nurenberg em grande festa; em S. Bento vê-se Portugal em grande folia.



No theatro a serenada tem como remato a bastonada; na camara as descomposturas tem como epilogo o abraço conciliador.



Que differença entre o castigo que teve o Beskmeper quando foi obrigado a metter a viola no sacco, no fim do acto, e o do Fuschini, quando teve de recolher o áparte, no fim da sessão, para não tornar a metter o nariz a onde não era chamado!



Sachz dá no theatro lições ao Walther, como o José Luciano dá na camara lições ao Hintze, mas um intercala-as com a melodia do thema harmonia do Sonho, e o outro a pimenta o recado com o leit-motiv dos gemidos e apertos da uretra, nos tempos em que, simultaneamente, o affligia, diariamente, a algalia e o João Franco.

D'esta conjuncção de casos e de causas, tem resultado cousas e casos em que a bulha se confunde com o estrondo. Não percebem? Se isto fosse claro não seria wagneriano, e se não fosse wagneriano não seria apropriado á occasião. Ora o que se torna preciso nos momentos historicos, como este que está passando, é harmonisar a musica do tempo como o tempo da musica, e afinar o rabecão nacional por forma a acompanhar convenientemente um autentico stradivarius. Parece-nos que tanto os *diatanti* de S. Carlos como os *frequentadores* de S. Bento, terão abrangido o intuito que rege esta partitura. Os do theatro, no intervalo da sonneca irresistivel provocada pelas bellezas incomprehendidas dos *Mestres Cantores* perceberão, afinal, o motivo *patronal do Nurenberg* e outros themas, não menos diffusos da opera famosa; os de camara começarão a comprehender as declarações e as formulas confusas de derrubar o que está não tocando no que se fez! Os entendidos, os privilegiados, os que entram no recondito escaninho das cousas, com a facilidade genial, alliada á educação scientifica especialissima que as mesmas cousas requerem, dispensavam, certamente, estas aclaratorias e explicações. A partitura não pôde ter para elles segredos, nem o *Diario da Camara* mysterios. Em compensação, porem, os que não privam com o sr. Man-



cinelli e se não tratam por tu com o sr. Matheus d'Azevedo, ficarão agora a comprehender o que se canta em S. Carlos e o que se tem dicto em S. Bento. Em ambos os santos logares é a mesma musica dos logares santos, mais psalmo menos psalmo, mais sapateiro menos sapateiro. Por agora quem tem ouvido o poeta Queiroz Ribeiro prefe-re o bate-sola dos *Mestres Cantores*; quem tem presenciado as furias theatraes do ex. capitão Machado, desafiando os adversarios com arreganho mavorcio, reputa os figurantes do 2.º acto dos *Mestres* com mais decisão e menos parola; o Cayolla tem menos



voz que o Pini Corsi e só o Antonio Cabral é que ganha ao Borgatti no empinado da bigodeira.

Vinte dias são passados. Todos estes, com o sr. Beirão na avança da e o sr. Alpoim na retaguarda, berram, barafustam, engalinham-se sem terem chegado a nada de proveitoso. Nem sequer conseguiram ainda apurar quantas são e quaes são os commissarios clandestinos, nomeados pelo ministro das obras publicas. Os dias passam, as sessões succedem-se, nenhum d'estes se lembra que a explicação d'isso que se pergunta de dia em S. Bento se pôde ver á noute em S. Carlos. Se repararem na alfofa que o mestre-sapateiro tem ao lado da tripeça em que se assente, lá descobrirão, como ella está a trasbordar de formas. A alfofa dos commissarios é a mesma cousa: está a trasbordar de formas. Porque o sapateiro se envergonha da arte é que as occulta...

Bem fez o sr. Oliveira Mattos, o unico philosopho sincero da ultima quinzena, que ao vêr como se perdia tanto tempo sem comprehender os segredos d'esta musica complicada, atirou com o chapau para o toudiço e sahio berrando:



-- Isto é uma vergonha!...
Só nos permittimos uma correcção; isto não é uma vergonha: — é uma pouca-vergonha!

PARLAMENTARISMO

QUAL DE BAIXO, QUAL DE CIMA



Aguenta-te no balanço!...

Raphael Domingos

O Porto na PARODIA ou a PARODIA no Porto

Um conflito a quinze dias de vista

(Correspondência retardada por vir fora d'horas).

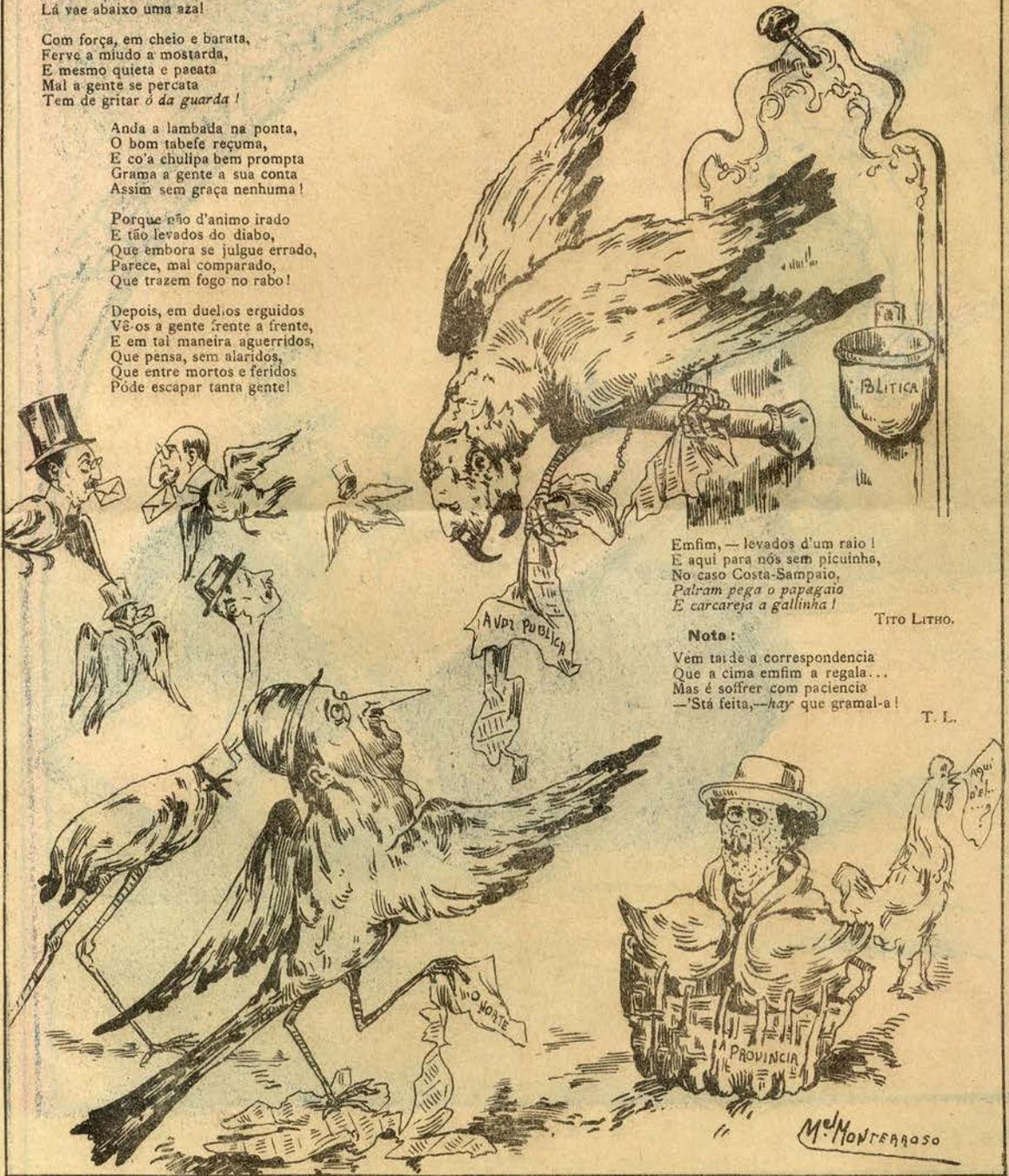
Não andam nada serenos
Os animos cá por casa!
E em bem diversos terrenos
A's vezes, sem mais nem menos
Lá vae abaixo uma aza!

Com força, em cheio e barata,
Ferve a miúdo a mostarda,
E mesmo quieta e paeata
Mal a gente se percata
Tem de gritar ó da guarda!

Anda a lambada na ponta,
O bom tabefe reçuma,
E co'a chulipa bem prompta
Gramma a gente a sua conta
Assim sem graça nenhuma!

Porque não d'animo irado
E tão levados do diabo,
Que embora se julgue errado,
Parece, mal comparado,
Que trazem fogo no rabo!

Depois, em duellos erguidos
Vê-os a gente frente a frente,
E em tal maneira aguerridos,
Que pensa, sem alaridos,
Pode escapar tanta gente!



Emfim, — levados d'um raio!
E aqui para nós sem picuinha,
No caso Costa-Sampaio,
Palram pega o papagaio
E carcareja a gallinha!

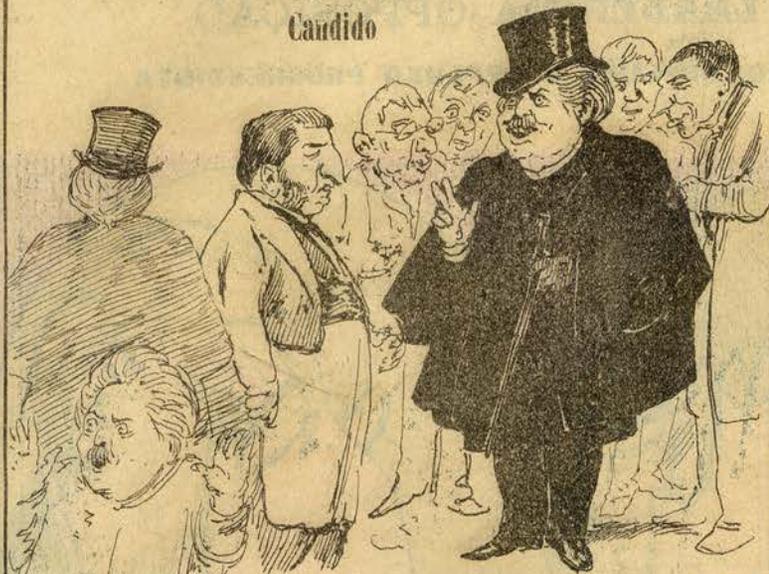
TITO LITHO.

Nota:

Vem taide a correspondencia
Que a cima emfim a regala...
Mas é soffrer com paciencia
—Stá feita,—hay que gramal-a!

T. L.

**A double-capa catholica do senhor Jacintho
Candido**



*Quando á noite, em cafés, discute sem desmandos,
Com arceidiagos, deões, chantes e Bertianãos,
O equilibrio da Europa e a saude do Papa,
A double capa fica apenas... double capa,*

*Quando em côrtes geraes defende, em plenas vistas,
O interesse commum dos nacionalistas,
N'uma eloquencia loira, amaneirada e emphatica,
A double capa, então, transforma-se em dalmatica.*

*Se depois um João Franco, intruso, principia
A cubicar-lhe a mitra, o baculo, a chiefa,
A double capa ruça e catholica, então,
Transforma-se em plural, — e lança a excommunição!*

*Mas se um dia, talvez por desgraça cruel,
Tivermos o cacete, a forca e D. Miguel,
A double capa—ó ambição, quanto diverges!—
Para coroar o rei,— será capa d'asperges!*

THYRSO.



RAPHAEL SERRAVALLO

— O SR. TEM TAMBEM DE COMPRAR BILHETE PARA O SEU CÃO.
— ENTÃO DÊ CÁ MEIO BILHETE.
— MEIO BILHETE ?
— SIM, PORQUE ESTE CÃO AINDA NÃO TEM SETE ANOS.



**Companhia Real
DOS
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES**

AVISO AO PUBLICO

Notas de expedição

Tendo-se esgotado a edição de notas de expedição de Março de 1910 para as remessas de pequena velocidade, esta Companhia está procedendo á tiragem de uma nova edição que será a pontada desde o dia 2.º do corrente. As estações accituarão, no entanto, até 28 de Fevereiro do corrente anno, os exemplares da edição de Março de 1910.

As notas da nova edição contem algumas modificações na em nada alteram a parte que constitue o contracto de transporte.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1902.

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

A CAPA D' "A PARODIA,"

Está prompta, e á disposição dos nossos colleccionadores a capa para encadernação do 2.º volume.

O seu preço é de 700 réis e vende-se em Lisboa, no escriptorio da administração Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º, na papelaria Alves & Ferreira, Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria Mesquita.

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da provincia para remessa de capas, devem ser acompanhados de mais 40 réis para porte do correio, de cada capa.

O 2.º VOLUME DA "PARODIA,"

Encadernado com a capa especial em percalina.

Preço 2\$500 réis

Ha ainda alguns exemplares do 1.º volume, que se vendem pelo mesmo preço.

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa de Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sãndade Publica do Paiz, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

**Jeronymo
Fernandes**

CALEJISTA EXIMIO

Das 8 horas da manhã
às 5 da tarde

exerce com toda a pericia
a sua profissão

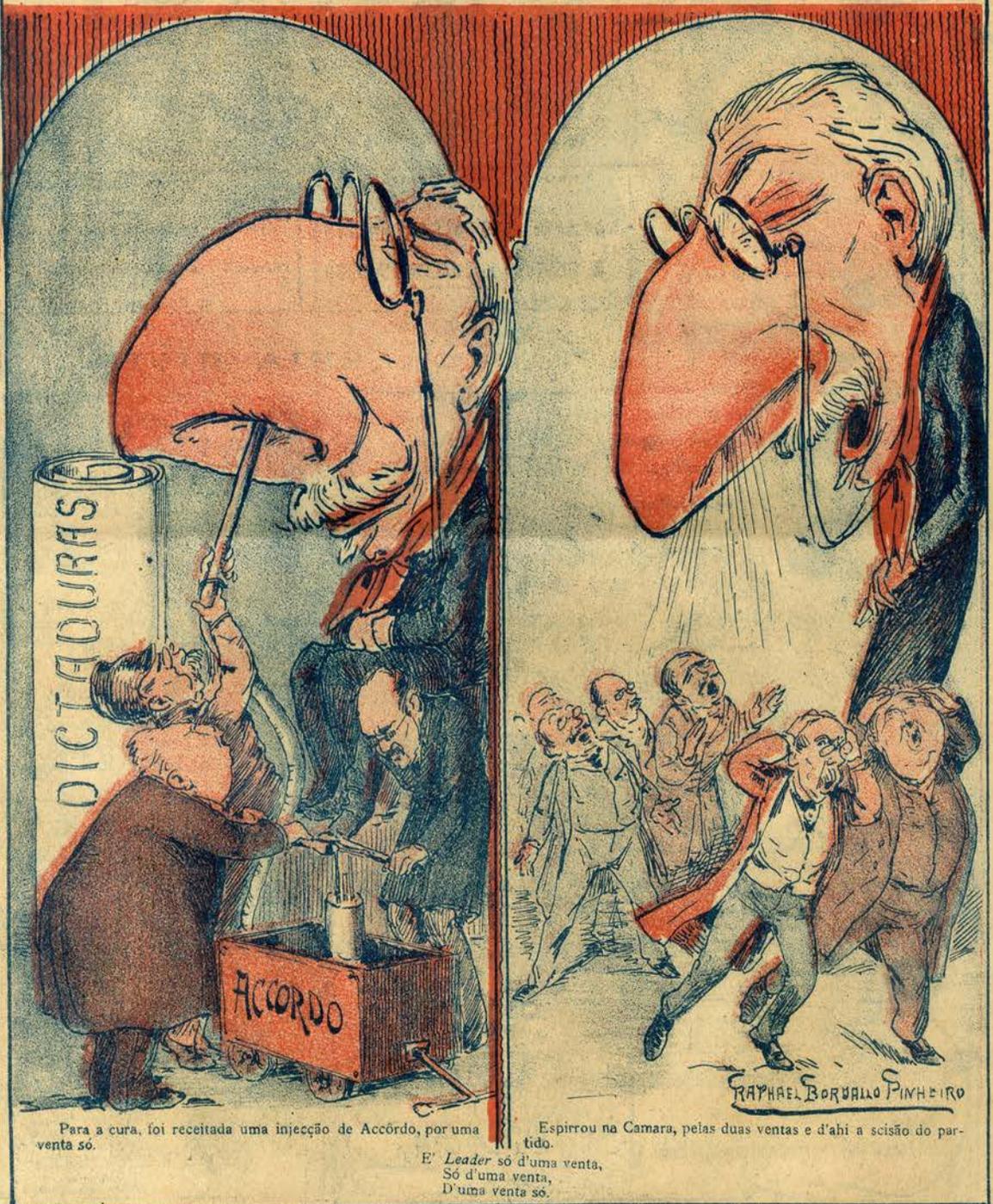
R. SERPA PINTO, 48

sobre-loja
(frente para o Chiado)



LEADER DA OPPOSIÇÃO.

FLUXO, REFLUXO E DEFLUXO PROGRESSISTA



Para a cura, foi receitada uma injeção de Accôrdo, por uma venta só.

E' Leader só d'uma venta,
Só d'uma venta,
D'uma venta só.

Espirrou na Camara, pelas duas ventas e d'ahi a scisão do partido.